

## *Escrita e Relações de Poder em Suetônio*

**Renata Lopes Biazotto Venturini**  
Universidade Estadual de Maringá

**Tiago França**  
Universidade Estadual de Maringá

No século XIX, História e Literatura eram disciplinas próprias e com objetivos específicos. A História, influenciada pelo positivismo, tratava do factual em busca de uma verdade que pudesse ser detectada no interior do horizonte das fontes escritas. A crítica literária se voltaria para a relação entre o escritor, o seu estilo, a sua forma e a sua linguagem, empregada na obra e vinculada ao seu contexto de produção.

A possibilidade de um diálogo entre a História e a Literatura é fruto de um questionamento pelo qual vêm passando os historiadores nas últimas décadas sobre os limites entre narrativa histórica e narrativa literária, entre verdade e ficção. Desde a década de 70 três obras são de grande relevância para situarmos a discussão sobre os limites impostos à História e à Literatura. Lembramos a princípio a obra de Paul Veyne<sup>1</sup>, para quem, o historiador *agiria como o romancista ao imprimir um fio de narração a esses fatos escolhidos e costurados. A História como o romance seria assim, trama, intriga, enredo urdido pelo narrador...*

Não podemos deixar de evidenciar o impacto provocado por esta afirmação de Veyne diante do conservadorismo que caracterizava a análise dos fatos na História dita objetiva. Perante uma busca incansável pela objetividade o historiador não admitia a presença do imaginário na construção de sua escrita, muito embora a subjetividade seja inegável quando ele escolhe seus temas e suas fontes.

---

<sup>1</sup> Paul, VEYNE. *Como se escreve a História*. Lisboa: Edições 70, 1987, p.27.

E. P. Thompson já havia destacado que o historiador é movido rumo ao passado em função das perguntas que o presente lhe suscita. A partir delas, ele formula hipóteses e as confronta com as evidências documentais. É desta subjetividade que o historiador colhe a objetividade de seu trabalho. Segundo ele,

... o conhecimento histórico é, pela sua natureza, (a) provisório e incompleto (mas nem por isso inverídico), (b) seletivo (mas nem por isso inverídico), (c) limitado e definido pelas perguntas feitas à evidência, e portanto, só 'verdadeiro' dentro do campo assim definido<sup>2</sup>.

Este aspecto subjetivo e relativo do conhecimento histórico faria o mais brando dos positivistas desistir da veracidade universal dos fatos.

O segundo estudo que merece destaque na relação entre História e Literatura é proposto por Peter Gay (*O Estilo na História*) para quem o historiador, assim como o romancista, é um narrador que se utiliza de um estilo próprio na construção de sua narrativa. Ele caracteriza o estilo como advindo da relação entre o escritor e o seu meio. No caso do historiador, através do seu estilo podemos identificar sua inserção histórica.

Também no campo da narrativa historiográfica se encontra o estudo de Lawrence Stone (*O Ressurgimento da Narrativa*). Para tal autor, o reaparecimento da narrativa historiográfica em oposição a uma historiografia científica buscada pelo positivismo teria sido sufocada após a Segunda Guerra Mundial, uma vez que o interesse dos historiadores tinha se voltado para grandes eixos temáticos. Todavia, após este aparente desgaste surge, no pós-guerra, a nova história das idéias, embora ela não tenha aprofundado a relação entre História e Literatura<sup>3</sup>.

De certo modo, Stone provocou um estímulo à aproximação entre a História e a teoria literária. Da mesma forma, Antônio Cândido havia conseguido abordar as dimensões poética e científica, sociológica e histórica da obra literária.

---

<sup>2</sup> E.P., THOMPSON. *A Miséria da Teoria ou um Planfletário de Erros* - uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1993, p.49.

<sup>3</sup> Hans Robert, JAUSS. *A História da Literatura como Provocação a Teoria Literária*. São Paulo: Ática, 1993, *passim*.

Em termos de conteúdo da obra literária Antônio Cândido<sup>4</sup> afirmava: que, “*talvez a realidade se encontre mais nos elementos que transcendem a aparência dos fatos e coisas descritas, do que neles mesmos*”.

Neste sentido, a obra literária é sempre um espaço de transgressão que possibilita considerar o jogo dos fatores que a condicionam e motivam. Uma autoridade como Aristóteles já se havia dado conta deste contraste quando comentou em sua *Poética*:

... Com efeito, não diferem o historiador e o poeta por escreverem em verso ou prosa (pois que bem poderiam ser postas em verso as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser história, se fosse em verso o que eram em prosa). Diferem, sim, em que um diz as coisas que sucederam, e o outro as que poderiam suceder.

Realidade e devir - nestes parâmetros reside a diferença crucial que deve ser considerada pelo historiador que se utiliza do material literário.

Embora permaneça a visão da existência de uma divisão acadêmica de trabalho que introduz a história como a provedora do *background*, do significado ou da mensagem que a literatura possa refletir, expressar e comunicar, também é possível vê-la como uma forma de poder e, ao mesmo tempo, mapear os vestígios de poder representados nesta forma de linguagem literária. Lyn Hunt bem nos lembrou que “*a crítica literária tem ensinado ao historiador reconhecer o papel ativo da linguagem, dos textos e das estruturas narrativas na criação e na descrição da realidade histórica*”<sup>5</sup>.

Portanto, antes de extrairmos um significado substancial dos documentos literários, é preciso especificar as características que envolvem sua constituição. Compreender a natureza de uma obra é o primeiro passo na ótica das pesquisas históricas. Diante de todas as possibilidades de interação entre História e Literatura, já devidamente ampliadas, enquanto historiadores, não podemos negligenciar a importância da linguagem. Como afirmou Eric

---

<sup>4</sup> Antonio, CÂNDIDO. “Realidade e Realismo”. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p.26.

<sup>5</sup> Lyn, HUNT. “História, cultura e texto”. In: *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, pp. 131-132.

Auerbach<sup>6</sup>, “*a linguagem nos delata*”. Sempre devemos perguntar quem é o indivíduo que a profere. Ele é alguém que se encaixa perfeitamente no meio que descreve?

Não podemos esquecer que toda produção literária é tributária do mundo onde foi concebida e conhecida. Instituição viva e flexível, o material literário representa fonte excepcional para promover o cruzamento entre História e Literatura. Ele nos permite entrever a produção literária como um processo, simultâneo ao processo histórico, seja para negá-lo, seja para defrontá-lo, ou até mesmo, para afirmá-lo.

Todo discurso está vinculado a categorias estruturais prefigurativas, a certas modalidades possíveis de enredo, a certas modalidades de implicação ideológica, a determinadas modalidades de argumentação. Nenhum discurso narrativo tem como fugir destas estruturas.

Portanto, a relação entre textos e contextos que a maioria dos historiadores estabelece como sendo de causalidade é uma relação de intertextualidade, ou seja, o texto e o contexto deveriam ser analisados através de um processo literário que visasse o diálogo entre eles e não a busca de relações causais de reflexão entre ambos. Assim, a aparente oposição cede lugar ao intercâmbio:

Os textos ou realidades sociais de sociedades do passado evoluem através de diálogos constantes, que devem ser examinados e abordados através de um grande número de perspectivas e que não podem ser simplesmente reduzidos a um único e monológico significado. A abordagem dialógica da história permitiria, portanto, a discussão entre categorias opostas em muitos e diferentes níveis: o diálogo entre ideias opostas dentro de textos específicos, ou o diálogo entre textos e contextos<sup>7</sup>.

A discussão de Lloyd S. Kramer (1995) através do estudo de Hayden White e de Dominick La Capra, acima mencionada, aponta para a necessidade

---

<sup>6</sup> Eric, AUERBACH. *Mimesis. A Representação da Realidade na Literatura Ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1987,p.23.

<sup>7</sup> Lloyd S., KRAMER. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio de Hayden White e Dominick La Capra”. In: Lyn, HUNT. (org.). *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p.154.

de a História aproximar-se da teoria literária como forma de promover uma leitura intertextual e não determinista. Nestes termos, a Literatura está repleta de História e não apenas de referências esporádicas a acontecimentos. Assim sendo, quando buscamos entender as descrições de Suetônio diante dos imperadores e de suas atitudes, considerando o estreito vínculo entre ele e o seu meio social. Ele próprio era um homem que ocupava uma posição privilegiada na sociedade romana.

Um texto literário reflete os conflitos sociais e ideológicos de seu tempo. Isto porque o escritor é o medidor de duas forças, a saber: a do público e a da obra. A identificação destas forças pode restituir a relação intrínseca entre História e Literatura. Evidentemente, o papel do escritor no interior da sociedade deve ser relevante para esta análise, posto que é ele, em última instância, o criador da obra.

Caio Suetônio Tranquilo (70 d. C. – 160 d. C.), era filho de Suetônio Leto, tribuno da 13ª legião que lutou em Bedriaco. Teria sido um estudioso da retórica e advogado, mas foi, sobretudo, um grande erudito. É também provável que ele tenha exercido a profissão de gramático.

Paul Harvey apresenta Suetônio como um atuante advogado nos tribunais de Roma. Amigo de Plínio, o Jovem - homem político influente na sociedade romana do século I e II d. C. Foi exatamente esta figura tão ilustre que lhe abriu o caminho das letras, com o pedido da concessão do *ius trium liberorum* para o Imperador Trajano.

Suetônio foi um dos secretários imperiais de Trajano e Adriano, o que lhe deu acesso aos arquivos imperiais, para que ele os utilizasse em seus estudos sobre a antiguidade, aos quais se dedicou após deixar o cargo de secretário Imperial. Neste cargo de secretário, conheceu Septício Claro, prefeito do pretório de Adriano. Claro lhe apresentou uma série de pessoas importantes da sociedade romana, o que lhe favoreceu nos seus estudos.

É provável que entre os anos 106-109 d. C. Suetônio tenha escrito uma de suas obras, o *De viris illustribus*, dedicada aos homens de letras latinos. Esta obra encontra-se dividida nas seguintes seções: *De poetis; De oratoribus; De historicis; De philosophis De grammaticis et De rhetoribus*. Cada seção tinha um

proêmio sobre o *genus* literário cultivado pelos homens nela recordados. É graças a Suetônio que temos o conhecimento biográfico dos escritores latinos até quase todo o século I d. C.

Sua obra mais conhecida, *De vita Caesarum*, compreende as biografias dos imperadores, desde o general Júlio César até o Imperador Domiciano. Esta obra chegou até nós mutilada do início, sem a dedicatória proeminal feita a Septício Claro. Encontra-se dividida em oito livros dedicados a cada imperador da Dinastia Júlio-Cláudia, um para os três imperadores do ano da anarquia (Galba, Otão e Vitélio) e um para os três imperadores da casa Flávia (Vespasiano, Tito e Domiciniano).

Dado que esta obra é dedicada a Septício Claro ainda no cargo de prefeito do pretório do reinado de Adriano e devido a algumas passagens que Suetônio utilizou como fonte dos documentos dos arquivos imperiais, deduz-se que *De vita Caesarum* foi composto entre 119 - 121, período em que foi secretário (*epistularum magister*) de Adriano. As biografias dos doze governantes foi o último e mais decisivo esforço para deprimir a figura e a obra dos fundadores do regime imperial, no período em que o regime, por obra de Adriano, se encaminhava definitivamente para a autocracia.

Nas biografias dos doze Césares, Suetônio segue o esquema habitual de acumular notícias, mais ou menos apetitosas, em volta de pontos fixos: a família, o nascimento, a subida ao trono, a atividade militar e legislativa, a educação literária, a vida moral, a morte. E sobre cada um destes pontos acumulam-se, por um lado, as notícias favoráveis e, por outro, as desfavoráveis. Sobre alguns imperadores que nas fontes são alvejados pelo ódio, faltam quase notícias favoráveis, ou recorre-se ao critério de dividir a vida do imperador em duas, por uma mudança repentina. Mas Suetônio, segundo Paratore (*História da literatura latina*), era suficientemente honesto para registrar tantas notícias favoráveis quanto as fontes lhe ofereciam informações.

A mentalidade erudita de Suetônio é acompanhada por uma curiosidade típica dos aspectos humanos da personagem, que talvez não seja apenas uma herança da biografia helenística, mas também uma contribuição da sua época na qual era comum o apego pela libelística escandalosa e à análise dos

caracteres. Segundo esse modelo, Suetônio se apega às particularidades dos seus personagens.

Segundo Paratore<sup>8</sup> “*a sua história é o exemplo mais típico daquilo que se costuma chamar a história do grande homem, visto pelo seu criado de quarto*”. Suetônio teria essa característica da literatura libelística, devido ao caráter da biografia helenística e também a sugestão dum ambiente que tentava por em má luz toda uma tradição incômoda para os imperadores de origem estrangeira, que visavam instituir a autocracia.

O historiador francês Eugen Cizek (*Structures et idéologie dans “Les vies des douze Césars” de Suétone*) reconhece a influência de Suetônio na literatura mundial. O autor afirma que Suetônio é um produto do apogeu da civilização romana, pois nos reinados de Trajano e Adriano teria ocorrido um aumento da intelectualidade. Com o fim da crise de crescimento do Império houve mutações no interior de sua sociedade.

Notre Tranquillus est un des produits intéressants de l’apogée de la civilisation romaine. En effet, si l’épanouissement des énergies économiques et politiques de cette civilisation paraît atteindre le sommet au temps d’Antonin le Pieux et de Marc-Aurèle, les règnes de Trajan et d’Hadrien semblent plus instables, mais plus susceptibles de mettre en valeur les efforts humains. (...) Certes, ces <<équilibres avancés>> couvraient mutations importantes subies par les rapports de force particuliers à la société romaine. Si la plèbe urbaine se laissit toujours gâter par empereurs, dans des conditions qui lui assuraient une position assez modeste, mais privilégiée par rapport à celles des esclaves et des non-citoyens, position restant toujours inchangée, il n’en était pas de même des autres couches sociales. Il ne s’agit pas uniquement de phénomènes comme la progression du colonat, la décadence accrue de l’Italie, l’expansion des élites provinciales, intensément romanisées. En effet, se poursuivent aussi l’effritement de l’aristocratie sénatoriale et la montée irrésistible de l’ordre équestre. Ces faits auront des échos très importants dans la pensée de Suétone<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> Ettore, PARATORE. *História da literatura latina*. Lisboa: Fundação Colouste Gulbenkian, s/d, pp.777-778.

<sup>9</sup> Eugen, CIZEK. *Structures et idéologie dans “Les vies des douze Césars” de Suétone*. Paris: ed. Academiei, 1977, pp.03-04.

Quanto consideramos os líderes políticos retratados por Suetônio observamos que sua obra está circunscrita ao período de transição da República para o Império. O final do período republicano, século I a. C., foi marcado por uma crise de ordem política e social. Sobre esses conflitos o historiador Géza Alföldy comenta:

De uma maneira geral, os conflitos declarados nesta época podem ser subdivididos em quatro tipos principais(...) Os primeiros três grandes tipos são as lutas de escravos, a resistência dos habitantes das províncias contra o domínio romano e a luta dos itálicos contra Roma.(...) O quarto e mais significativo tipo de conflitos do último período da República tinha lugar entre os cidadãos romanos(...)<sup>10</sup>

Apesar da dimensão das revoltas que caracterizam a diversidade da sociedade romana entre os séculos I a. C. e I d. C., é importante ressaltar que essas revoltas não tinham pretensões de mudar a estrutura social, mas sim de organizá-la. Nesse sentido, a sua principal consequência foi a mudança na forma de administração do Estado romano. As consequências dessas revoltas são descritas por Alföldy ao afirmar:

Ao mesmo tempo, as diferenças, igualmente nítidas, entre os diversos conflitos revelam como o conteúdo político destes confrontos se ia progressivamente sobrepondo ao seu conteúdo social, com a consequência de essa série de conflitos apenas ter modificado o enquadramento político da organização social romana, e não a organização em si<sup>11</sup>.

Júlio César foi a figura que deu base para a formação do que viria a ser o Império Romano. Fez reformas que mudaram a política romana como era conhecida até o momento. Sobre tal questão Nobert Rouland comenta:

Suetônio tem razão. César, no seu reinado —é esse o nome que cabe para o seu regime— fez com que o Senado e os comícios passassem a ser câmaras de registros. As assembleias populares votavam as leis que ele elaborava e

---

<sup>10</sup> Géza, ALFÖDY. *A História Social de Roma*. Lisboa: Presença, 1989, p.82.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p.90.



empossavam os candidatos oficiais designados por ele. Mas mesmo isso apenas em parte, pois reservava-se o direito de nomear pessoalmente os cônsules e a maioria dos outros magistrados. Ao Senado é reservada sorte análoga. César convoca-o pro forma, mas de fato toma as decisões por ele mesmo<sup>12</sup>

Graças à base política que César ofereceu, seu filho adotivo Otaviano, tornou-se o primeiro imperador romano. O Império Romano se estabeleceu quando Otaviano recebeu do Senado o título de Augusto, cujo caráter sagrado e divino demonstrava que ele detinha um poder maior que o do senado.

A partir de Augusto (27 a. C.), Roma conheceu seu apogeu, que vai até o governo de Antonino Pio (161 d. C.). Esse período é conhecido como Alto Império, sendo identificado como um período de *pax romana* ou Idade de Ouro dos romanos, por ter sido, em vários sentidos, a melhor época do império. Segundo o historiador Géza Alföldy é o momento de estruturação do poder imperial.

Ao final da Dinastia dos Júlios-Claudios, com o suicídio de Nero, houve um período de instabilidade no governo do Império Romano. Essa crise se deve, entre outros fatores, à ausência de um sucessor no poder imperial, pois a sociedade romana temia a repetição os mesmos problemas que ocorreram na administração de Nero.

Durante a crise governamental no ano de 69 d. C., o Império teve quatro imperadores, Galba, Otão, Vitélio e Vespasiano. A repercussão dessa crise não foi a mudança do regime, mas uma alteração na característica da autoridade imperial, que deixou de ser fundada na hereditariedade familiar. Segundo os historiadores Jean-Marie Engel e Jean-Remy Palanque em seu livro “*O Império Romano*”<sup>13</sup>, devido a essa crise houve um choque moral causado pelos acontecimentos que repercutiu por toda parte, mas sobretudo nos exércitos, nos quais começou a aparecer uma secreta rivalidade.

Galba que foi o primeiro dos quatro imperadores no ano de 69 d. C.,

---

<sup>12</sup> Norbert, ROLAND. *Roma, democracia impossível?* Os agentes do poder na urbe romana. Brasília: UnB, 1997, p.336.

<sup>13</sup> Jean-Marie, ENGEL; Jean-Rémy, PALANQUE. *O Império Romano*. São Paulo: Atlas, 1978, p.57.

era um ancião, cômico da antiga nobreza. Sua idade avançada e a falta de um herdeiro fizeram com que ficasse fragilizado moralmente perante o exército romano.

Otão, sucessor de Galba, não era muito bem visto, pois se acreditava ser um homem dado ao prazer. Ele tentou aumentar sua popularidade afirmando ser o herdeiro mais próximo de Nero, que era seu amigo. Vitélio, que tinha sido nomeado imperador pelos exércitos da Germânia no período em que Otão era o Imperador romano, marchou com seu exército até Roma e defrontou-se com o exército de Otão. Tendo perdido a batalha, Otão suicidou-se, deixando Vitélio como imperador romano. Governou poucos meses, mas quando conseguiu entrar em Roma, Vespasiano já tinha assumido o posto de imperador, apoiado pelo exército.

Vespasiano não era nascido em Roma, nasceu em Sabina. Segundo Engel e Palanque, era de uma família que fazia carreira no exército para acabar nas finanças. Segundo eles tal “(...) *ascensão familiar refletia o progresso da burguesia municipal italiana, que tendia a substituir a aristocracia romana enfraquecida*”<sup>14</sup>.

Quem sucedeu a Vespasiano foi seu filho Tito. Tinha uma experiência de governo e no exército, onde participou de várias campanhas militares. Segundo Engel e Palanque essas qualidades não escondiam alguns defeitos do imperador. Segundo os autores Tito “(...) *tinha tido durante a prefeitura do pretório formas de conduta hipócrita e brutal que o tornavam suspeito de crueldade.*”<sup>15</sup>.

Domiciano carrega sobre si a reputação de ter sido o pior dos imperadores. Essa reputação se deve, segundo Engel e Palanque, pelo fato de que Domiciano foi imperador entre duas grandes figuras, que foram: Tito “o amor do gênero humano” e Trajano, “o melhor dos príncipes”. O império com Domiciano caminhou para um absolutismo. Devido a política autoritária de Domiciano, houve uma crescente tensão na sociedade romana, principalmente entre os senadores que não podiam exercer sua função livremente. No ano de

---

<sup>14</sup> Ibidem, pp.58-59.

<sup>15</sup> Ibidem, pp.62-63.

96 d. C., uma conspiração doméstica pôs fim ao governo de Domiciano. Com sua morte se encerrava a dinastia dos Flávios.

A descrição da personalidade de cada um desses imperadores do início do século I d. C. aos anos finais do século II d. C., pode ser lida na obra de Caio Suetônio Tranquilo, *A Vida dos Doze Césares*.

O gênero biográfico na antiguidade teve, segundo Cizek<sup>16</sup>, duas direções. A primeira seria a biografia romanceada, tendo como seus representantes Tácito e Xenofonte. Eram obras que privilegiavam a imagem dos heróis e embelezavam as figuras retratadas. A segunda seria a mais precisa e mais despojada e retrataria melhor a figura nas biografias. Esse modelo de biografia se chamaria científica, sendo adotado por Suetônio.

Utilizaremos o exemplo do Imperador Otávio (Augusto), na obra de Suetônio para demonstrar as características das descrições dos seus personagens, partindo dos pontos que são mais característicos na sua obra, anteriormente elencados: a família, o nascimento, a subida ao trono, a atividade militar e legislativa, a educação literária, a vida moral, a morte.

Sobre a família de Otávio, Suetônio observa que:

O bisavô deste serviu na Sicília, no transcurso da Segunda guerra púnica, na qualidade de tribuno dos soldados, sob as ordens do general-chefe Emílio Papo. Seu avô contentou-se com exercer funções municipais e envelheceu na maior tranqüilidade, nadando na opulência. (...) O próprio Augusto escreveu que é simplesmente oriundo de uma família de cavaleiros, antiga e rica, e na qual seu pai foi o primeiro senador.

Segundo Suetônio o nascimento de Augusto:

Augusto nasceu sob o consulado de Marco Túlio Cícero e de Antônio, aos nove dias das calendas de outubro, pouco antes do sair do sol, no bairro do Palatino, perto das Cabeças de Boi, onde ele tem agora uma capela, construída pouco depois da sua morte.

Ele cita uma passagem do próprio Augusto sobre sua ascensão ao poder:

---

<sup>16</sup> Eugen, CIZEK. *Structures et idéologie dans "Les vies des douze Césars" de Suétone*. Paris, ed. Academie, 1977, p.26.

(...) Possa eu manter a República sã e salva na sua base e recolher-lhes frutos que desejo: o de passar por fundador do melhor govêrno e de levar comigo, ao morrer, a esperança de que os fundamentos do Estado, lançados por mim, restarão solidamente assentados.

Sobre a vida militar de Augusto, Suetônio afirma que *quanto às guerras exteriores, não fez, por si só, mais do que duas: a da Dalmácia, na sua primeira juventude e, após a derrota de Antônio, a dos cantabros*. Na vida legislativa de Augusto um dos fatos que chama a atenção diz respeito à correção das leis, “*restabelecendo algumas delas integralmente, tais como a lei suntuária, as referentes ao adultério, à pudicícia, à intriga, ao casamento da diferentes ordens*”.

Sobre a educação de Otávio, Suetônio destaca que Augusto:

Dedicou-se, na mocidade, à eloqüência e às artes liberais com paixão e zêlo extremos. Durante a guerra de Modéna, não obstante os múltiplos afazeres, lia, escrevia e declamava – contava-se – todos os dias. Daí por diante não mais falou no senado, perante o povo ou perante os soldados, sem primeiro compor ou meditar o discurso, se bem não lhe faltasse faculdade para improvisar repentinamente.

Quanto sua vida moral, Augusto para com seus amigos era:

Como amigo não se ligava facilmente, porém sua fidelidade era inquebrantável. Não somente apreciava, como o merecessem, as qualidades e os serviços de cada um dos seus amigos, mas, também, tolerava-lhes as faltas e imperfeições, enquanto fossem estas leves.

E finalmente sobre a morte do imperador Suetônio diz que:

Morreu no mesmo quarto em que morrera seu pai Otávio, sob o consulado dos dois Sextos, Pompeu e Apuleio, no décimo quarto dia das calendas de setembro, à nona hora do dia, com sessenta e seis anos de idade menos trinta e cinco dias.

Como podemos observar, a obra de Caio Suetônio Tranquilo, “*As vidas dos doze Césares*”, consiste num trabalho biográfico - histórico, de figuras importantes da sociedade romana do período abordado. Embora grande parte da obra prenda-se em narrar as manias dos imperadores, as informações históricas são de valor indiscutível. Carlos Heitor Cony afirma que:

Suetônio resiste ao tempo. Suas doze biografias formam um dos inarredáveis alicerces de qualquer cultura humanística. No mundo ocidental – e enquanto houver mundo ocidental - Suetônio terá sua sobrevivência histórica e literária garantida, não tanto pelos próprios méritos, mas pelo volume das informações que nos legou sobre alguns dos homens mais importantes de uma era realmente importante aquela que dividiu o mundo em antes e depois.

Para o tradutor da versão em português da obra “*As vidas dos doze césares*”, Sady Garibaldi, Suetônio é um:

Estudioso dos costumes de sua gente e de seu tempo, escreveu grande cópia de obras eruditas, em que passa em revista as principais personagens da época. Foi sobretudo um indiscreto devassador das intimidades da côrte romana, dando-nos uma visão íntima e sem cerimônias dos vícios dos Imperadores e das picuinhas que dividiam a nobreza

Todavia, segundo Paratore<sup>17</sup>, *Suetônio, também revela contudo, à sua maneira, a urgência ainda viva de resolver os problemas deixados em herança pelo atormentadíssimo primeiro século do império*. Complementa seu argumento afirmando que:

as biografias suetonianas não sempre e apenas ferro-velho, amontoado indiscriminado de notícias. Delas também se pode deduzir uma atitude toleravelmente constantes: o do intelectual romano que acabou por adotar a mentalidade do plebeu gozador da metrópole<sup>18</sup>.

---

<sup>17</sup> Ettore, PARATORE. *História da literatura latina*. Lisboa: Fundação Colouste Gulbenkian, s/d., p.778.

<sup>18</sup> Idem.

Nas três biografias dos imperadores Flávios está contido o aspecto mais sincero e espontâneo do espírito de Suetônio, pois, nesta dinastia ele pôde criar uma opinião pessoal, graças o fim das perseguições de Domiciano.

A esses elementos marcantes da obra de Suetônio, podemos acrescentar outra peculiaridade. Sua intenção não era moralizante. Na verdade, escolheu entre os homens descritos, aqueles que ofereciam grandes exemplos, mas também tirou proveito do espetáculo de grandes erros escrevendo sobre as maldades de Nero, Domiciano. Nesse sentido, nosso autor pôde utilizar ao máximo sua capacidade de humanizar personagens e de explorar os detalhes na descrição de caracteres, valendo-se de traços rápidos e marcantes, de pequenas coisas e de anedotas.